



## O BLOCO OPERÁRIO E CAMPONÊS DE SÃO PAULO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3410

Lucas Alexandre Andreto

### Resumo

O Bloco Operário Camponês (BOC), frente única do Partido Comunista do Brasil (PCB) que objetivava a participação do proletariado nas eleições brasileiras se destacou principalmente por sua atuação na cidade do Rio de Janeiro, com a eleição de Azevedo Lima, Octavio Brandão e Minervino de Oliveira. Na cidade de São Paulo, o BOC-SP concorreu duas eleições em 1928 e uma em 1930, com experiência bem diferente a dos comunistas cariocas, por questões específicas que os comunistas enfrentavam na capital paulista, as quais envolviam: as relações com a pequena burguesia, a posição a firmar frente o Partido Democrático de São Paulo (PD) o combate aos anarquistas, a dificuldade de firmar influência nos sindicatos e de construir o PCB na cidade. A presente pesquisa objetiva abordar a experiência dos comunistas brasileiros em tentar inserir a classe operária paulista na participação das eleições e do parlamento através de um partido que se objetivava classista e revolucionário. Para tanto, trabalharemos com os jornais que o BOC fazia sua propaganda, jornais de oposição dentro e fora do movimento operário, bem como cartas trocadas entre os militantes comunistas e os documentos da III Internacional.

### Palavras Chave:

Bloco Operário  
Camponês; Partido  
Comunista do Brasil;  
Cidade de São Paulo.

## Introdução/Justificativa

O presente trabalho trata da experiência dos comunistas em, pela primeira vez na história do Brasil, criar uma participação da classe operária paulista nas eleições democráticas, com a particularidade de fazer isso não com objetivos eleitoreiros ou reformistas, mas revolucionários. Foi a experiência do Bloco Operário e Camponês (BOC), frente única eleitoral do Partido Comunista do Brasil (PCB), que existiu de 1927 a 1930, atendendo uma dupla demanda com o qual os comunistas brasileiros se defrontavam: a deliberação dada pela III Internacional em incentivar políticas de frente única objetivando o uso dos Parlamentos burgueses para propaganda do comunismo visando ganhar as bases operárias dos partidos social-democratas<sup>1</sup>, e a necessidade nacional de ter uma frente legal de atuação, visto que o PCB caiu na ilegalidade com o Estado de sítio que seguiu as revoltas tenentistas no período presidencial de Artur Bernardes.

O Bloco Operário e Camponês, como experiência política do movimento operário brasileiro, expressava a síntese das principais correntes ideológicas que haviam atuado neste até então. Como apontou Claudio Batalha, tal como os vários partidos socialistas de cunho reformista que haviam aparecido durante a Primeira República, os comunistas defendiam a participação no processo eleitoral; mas tal como os anarquistas, era na revolução que concebiam a única possibilidade de transformação verdadeira<sup>2</sup>. O BOC foi uma organização que pretendia alcançar uma dimensão

nacional, de forma que existiu no Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, São Paulo, Santos (como Coligação Operária), Sertãozinho, Cubatão, Ribeirão Preto, Recife. Também lançou candidatos a senador e deputado federal por Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul.

A primeira experiência de lançar candidatos operários as eleições executada pelos comunistas brasileiros se deu em 1925 em Santos, com a criação da Coligação Operária<sup>3</sup>, mas a experiência de maior destaque e vitória é notoriamente conhecida como sendo a do Rio de Janeiro, onde o Bloco Operário (BO) é fundado em 1927 e elege para deputado federal o médico João Batista de Azevedo Lima. No ano seguinte, muda o nome para Bloco Operário e Camponês e elege dois intendentess municipais: o farmacêutico e intelectual do PCB, Octávio Brandão e o operário marmorista, Minervino de Oliveira<sup>4</sup>.

Na cidade de São Paulo, contudo, a experiência dos comunistas de dar início a uma participação revolucionária do proletariado nas eleições e no Parlamento burguês, ou, para usar as palavras de Lênin, fundar um “parlamentarismo novo, incomum, não oportunista, sem arrivismo”<sup>5</sup>, contou com uma situação muito diversa da do Rio de Janeiro, e acabou por encontrar dificuldades maiores. Os componentes constitutivos da experiência dos comunistas paulistas que a diferenciam da do Rio de Janeiro são muitas, e apresentaremos sinteticamente as principais.

A cidade do Rio de Janeiro foi palco da principal célula de formação do

<sup>1</sup> CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. Pag. 168.

<sup>2</sup> BATALHA, C. *Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva*. IN *Brasil Republicano Vol. I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Pag. 181.

<sup>3</sup> KAREPOVS, D. *A Coligação Operária de Santos quebrou a pasmaceira*. História, São Paulo, v. 25, n 1, p. 182-202, 2006.

<sup>4</sup> KAREPOVS, D. *A Classe Operária vai ao Parlamento*. São Paulo: Alameda, 2006.

<sup>5</sup> LÊNIN, V.I. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. P. 147

PCB, lá ficava sua sede, seu Comitê Central Executivo e encontraram-se durante a década de 20 seus militantes mais devotos e qualificados (Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Fernando e Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum, Rodolfo Coutinho, etc). Em contrapartida, além da cidade de São Paulo carecer de quadros qualificados, os militantes que se destacavam recebiam ordem de transferência da direção do PCB para o Rio de Janeiro<sup>6</sup>, como foi o caso de João Jorge da Costa Pimenta, considerado pelos anarquistas “o motor da máquina comunista em São Paulo”<sup>7</sup> e Mario Grazzini (ambos líderes do sindicato dos gráficos).

A história de como nasceu o Partido Comunista em São Paulo atesta já uma força menor por parte deste em relação a outras seções do Partido que nasciam. Na ocasião da fundação dos grupos comunistas que precederam o congresso de formação do PCB, o grupo da cidade de São Paulo não foi criado por militantes locais, mas fundado pelo próprio Astrojildo Pereira que viajou para a capital paulista para cumprir esse objetivo. Entretanto, segundo depoimento de Afonso Schmidt, presente na reunião de fundação, papel especial deve ser atribuído a Raymundo Reis na arregimentação dos comunistas paulistas. A dita reunião aconteceu na sede da Sociedade Beneficente dos Cirurgiões Dentistas, ao lado do consultório de Raymundo Reis. No livro de presença não havia mais de meia dúzia de assinaturas<sup>8</sup>, em flagrante contraste, por exemplo, com o Grupo Comunista do Recife, onde Cristiano Cordeiro reuniu em sua casa

cerca de trinta pessoas<sup>9</sup>.

Além desse problema interno do PCB em São Paulo, isto é, a falta de quadros qualificados e mesmo de militantes em geral, temos de considerar as determinações específicas também do movimento operário paulista, o quadro das forças atuantes dentro dele em comparação com a do Rio de Janeiro.

Já na segunda metade da década de 10, principalmente depois do período da Primeira Guerra Mundial, a cidade de São Paulo despontava como a cidade mais industrializada e avançada em termos de relações sociais de produção capitalistas no território brasileiro<sup>10</sup>. Durante o período de 1917 a 1920, ela também foi cenário de grandes manifestações do movimento operário, um poderoso movimento grevista fortemente permeado pelo ideário anarquista, principalmente das correntes anarco-comunistas e anarco-sindicalistas. Contudo, a São Paulo do início da década de 20 apresentava a contradição da cidade mais industrializada do país com o movimento operário em maior estado de refluxo. Os anarquistas sofriam grande descrédito por conta das derrotas nas greves do período anterior, ao mesmo tempo, eram severamente perseguidos pela polícia, tendo suas principais figuras sendo presas e deportadas, enquanto os comunistas, como já relatamos, criavam uma implantação fraca na cidade.

Diferentemente do Rio de Janeiro, o movimento anarquista em São Paulo prosseguiu com maior força que o movimento comunista por praticamente toda a década de 20 (o que não significa que eles fossem fortes em termos gerais),

<sup>6</sup> KAREPOVS, D. *A Esquerda e o Parlamento no Brasil*. Tese de doutorado em História apresentada a USP, 2001.

<sup>7</sup> *Resposta a O Internacional*. A Plebe. São Paulo, 14/06/1924.

<sup>8</sup> Dessa “meia dúzia”, apenas três podem ser identificados com alguma probabilidade: Afonso Schmidt, que é quem nos dá o relato, Raymundo

Reis, que organizou a fundação e fez a ata, e João Jorge da Costa Pimenta, que pouco depois representará o Grupo Comunista de São Paulo na fundação do PCB no Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> NETO, T. R. *Algumas observações sobre a fundação do partido*. In *Estudos*. Edições SAP, Ano I, N° 2, 1971. Pag. 83.

<sup>10</sup> SIMÃO, A. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Hucitec, 2012. P. 40.

de forma que os comunistas de São Paulo tiveram de ocupar-se num combate ao anarquismo com grande desvantagem, como atesta uma carta de Everardo Dias para Astrojildo Pereira.

Aqui houve a cisão entre os sapateiros. Era impossível a vida para os comunistas. Não podiam falar. A claqué anarcóide os insultava, gritava, berrava, fazia barulho, apitos de todos os lados. Era asfixiante. Veio a cisão por causa da proposta do programa do Bloco [Operário]. Na votação, perdemos por 4 votos, mas do lado dos anarcóides votaram elementos que não eram sapateiros, e pertencentes ao Sindicato dos Ofícios Vários – arca de Noé criada por [Domingos] Passos ultimamente. Protestando nossos companheiros, disseram que sendo um sindicato operário, todos podiam votar!<sup>11</sup>

Este ponto é importante, pois tinha consequências para duas instâncias de atuação dos comunistas em São Paulo: a sindical e a política. O sindicato era o principal campo de atuação anarquista em São Paulo, e portanto, os comunistas tinham grande dificuldade em disputar com eles. Os sindicatos que os comunistas conseguiam ter em seu controle com regularidade foram, basicamente, a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG) e A Internacional, sindicato dos trabalhadores em hotéis e restaurantes. De toda forma, em geral não eram muitos os sindicatos ativos na cidade. Em uma lista dos sindicatos ativos feita pelo anarquista Domingos Passos em 1927, os sindicatos considerados ativos são apenas 6, sendo eles os dois já citados e dos artífices em calçados, chapeleiros, canteiros e Sindicato dos Ofícios Vários<sup>12</sup>.

Mais interessante é comparar com a situação do Rio de Janeiro, onde os comunistas tinham penetração em várias categorias de trabalhadores, segundo seu relatório para a Internacional Sindical Vermelha de 1928: têxteis, metalúrgicos, indústria alimentícia, calçado, construção civil, gráficos, alfaiates, indústria mobiliária, ferroviários, indústria de bebidas, marinheiros. Chegaram a fundar a Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro (FSRRJ) que contava com a adesão de 20 sindicatos e 30 mil trabalhadores<sup>13</sup>.

No terreno da política, que é o que mais nos interessa em vista de nosso objeto, o movimento anarquista, que datava de pelo menos a segunda metade da primeira década do século, deixava uma forte tradição abstencionista nos operários da capital, que era tanto mais forte em vista do sistema eleitoral farsesco que imperava na Primeira República. Os anarquistas contavam com duas décadas de militância em meio aos operários paulistas, defendendo sempre que a política, os partidos e as eleições de nada valiam, enquanto os comunistas tinham apenas meia década de existência para argumentar o contrário, e ainda tomando o cuidado de se diferenciar da corrente socialista (reformista), que via na conquista do Parlamento um fim em si mesmo, sem nenhuma pretensão em superar a ordem burguesa. Para os comunistas

A perspectiva da derrota deverá ser de todo banida, tanto mais quando o objetivo principal de uma luta dessa natureza deverá ser, acima de tudo, não a vitória sobre os candidatos da burguesia, mas a agitação que se fará em torno dessa luta e que terá como fruto precioso a arregimentação sindical das forças

<sup>11</sup> Carta de Everardo a Gildo. São Paulo, 15/07/1927.

<sup>12</sup> DULLES, J.F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. P. 262.

<sup>13</sup> Relatório à I.C apresentado pela delegação brasileira por ocasião do IV Congresso da ISV. Rio de Janeiro, 1928. P. 2.

dispersas do proletariado<sup>14</sup>.

Foram nestas condições que os comunistas de São Paulo dirigiram-se a classe operária para enfrentar seu primeiro pleito em fevereiro de 1928, concorrendo ao cargo de deputado estadual. No dia 24 de janeiro a campanha foi anunciada através de um artigo assinado por “Zarabatana”, no diário paulistano “O Combate”<sup>15</sup>. No dia 25 foi fundado o Comitê Regional do Bloco Operário e Camponês de São Paulo (BOC-SP), filiado ao do Rio de Janeiro. A candidatura foi lançada num comício em 1 de fevereiro<sup>16</sup>. O nome apresentado foi do comerciário Manoel Nestor Pereira Júnior, presidente da Associação dos Empregados do Comércio de São Paulo, que não pertencia às fileiras do PCB e também foi escolhido para presidir a seção paulista.

A campanha do BOC-SP publicamente iniciou-se no comício do dia 12 de fevereiro no largo da Concórdia, no bairro do Brás. O BOC-SP anunciou à imprensa um plano de realização de uma série diária de comícios pela cidade, sendo que alguns deles contariam com a presença de Azevedo Lima<sup>17</sup>. No dia 16 de fevereiro, no quarto comício da campanha, realizado no Largo do Cambuci, Plínio Mello (presidente do BOC-SP) e Isis Sílvio foram presos no final do comício sob a acusação de terem criticado a política econômica de Washington Luís<sup>18</sup>.

A direção do BOC-SP, no dia 20 de fevereiro, avaliou este conjunto de episódios como o desencadeamento do terror no seio da classe operária, sua negação do direito de representação política. Frente a isso, sentiam-se

obrigados a retirar a candidatura de Manoel Nestor Pereira Júnior, recomendando aos trabalhadores de São Paulo que votassem no Partido Democrático (PD)<sup>19</sup>.

A decisão causou espanto nos meios comunistas. O PCB pediu esclarecimentos aos comunistas de São Paulo. A CCE do PCB afirmou que o “terror” não seria a razão da desistência da candidatura do BOC-SP. Na verdade, o apoio aos liberais, este sim, teria sido a causa e não o efeito da retirada do candidato comunista. Esta explicação encontrava seu fundamento no relatório pessoal de Plínio Mello, onde era mencionada a vinda de um emissário do Partido Democrático, o candidato a deputado estadual Bertho Antoine Condé, para fazer uma proposta ao BOC-SP, que possuía vários pontos como, por exemplo, a ajuda dos democráticos na soltura dos candidatos presos do BOC-SP, a criação de uma seção operária dentro do Partido Democrático e do “Diário Nacional”, que seria organizada com o apoio e o auxílio dos comunistas, a cuja direção seria entregue. Em troca, para as eleições de 24 de fevereiro, os comunistas apoiariam os candidatos do Partido Democrático de São Paulo, sendo garantida a “representação operária nos pleitos vindouros, para o que o PD incluiria em seu programa o programa do BOC”. O texto era concluído resolvendo que a CCE condenava a atitude do Comitê Regional de São Paulo (CR-SP), indicando a continuidade do BOC-SP, cuja propaganda deveria prosseguir por meio das páginas de “O Combate”, mantendo-se também o alistamento de eleitores. Sobretudo, os comunistas deveriam

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> O proletariado e as eleições. *O Combate*. São Paulo, 24/01/1928. Pag. 6.

<sup>16</sup> O BOC fará conhecer, hoje, o seu candidato às eleições do dia 24. *O Combate*. São Paulo, 01/02/1928. Pag. 6

<sup>17</sup> O comício de ontem do BOC. *O Combate*. São Paulo, 13/02/1928. P. 4

<sup>18</sup> No Rio, o assassinato premeditado, aqui, as prisões arbitrárias. *O Combate*. São Paulo, 17/02/1928. Pag. 1.

<sup>19</sup> Bloco Operário e Camponês: reúna seus votos aos do Partido Democrático contra a opressão do P.R.P. *O Combate*. São Paulo, 20/02/1928. Pag. 6.

continuar na defesa de sua independência política, que era incompatível com qualquer acordo que significasse a subordinação da política proletária à política burguesa<sup>20</sup>.

O debate continuou através de um texto da CR-SP e de uma carta de Plínio Mello à CCE, datada de 21 de abril. O CR-SP por sua vez, recuou frente à resolução da CCE, procurando imputar toda a responsabilidade do caso a Plínio Mello, que, em sua visão, teria sido o grande apologista do acordo. Não houve qualquer cisão ou afastamento de militantes. A partir do III Congresso do PCB, as possibilidades de eventuais alianças com o Partido Democrático de São Paulo ficaram definitivamente excluídas do horizonte político do PCB.

Após este episódio, o BOC-SP entrou em estado de completa letargia temperada com intrigas pessoais entre os dirigentes que jogavam a culpa da situação um no outro. Depois de a situação paulista receber duras críticas dos comunistas de Santos e até mesmo de operários paulistas, João Freire de Oliveira, principal dirigente comunista de Santos foi a São Paulo para tentar resolver, de algum modo, a situação. Oliveira chegou a São Paulo e convocou uma reunião de militantes e simpatizantes onde foi discutida a questão do BOC-SP e se propôs apresentar um candidato em 1º turno e dezesseis em segundo turno, transpondo o modelo de chapa completa que se fizera em Santos. Porém, pela dificuldade de achar nomes que coubessem na proposta, chegou-se à solitária candidatura de Everardo Dias<sup>21</sup>.

A candidatura foi publicamente lançada no dia 28 de setembro em assembleia que reuniu os comitês eleitorais dos gráficos, sapateiros, empregados na indústria hoteleira, tecelões, eletricitistas e

empregadores no comércio. Como aconteceu com a candidatura de Manoel Nestor Pereira Júnior, o anúncio fora antecedido por uma série de artigos, desta vez assinados por Moacyr Nogueira e que foram publicados no ritmo da evolução da campanha.

Os comícios realizados para campanha do BOC-SP foram feitos em locais de concentração popular, que reunia um público heterogêneo, e não defronte a fábricas. Para Karepovs, ao mesmo tempo em que esta tática buscava diálogo com um público mais diversificado, também demonstrava as dificuldades dos comunistas paulistas em penetrar nos locais de trabalho para desenvolver suas atividades. Este autor ainda chama atenção para outro indício desta dificuldade nos artigos publicados durante a campanha, assinados por Moacyr Nogueira, nos quais se expunham os principais pontos da plataforma do BOC, terem um caráter mais doutrinário que agitado. Os artigos teriam tentado expor de modo abstrato questões como higiene, habitação, salário mínimo, etc, vinculando-as sempre a organização do partido operário. Estes artigos tinham uma postura racional de exposição de um conjunto de princípios que serviam de base ao comunismo, diz Karepovs, porém, eram feitos em meio a uma campanha eleitoral onde se buscava a conquista de votos e não apenas de militantes comunistas com elevada consciência de classe, como pareciam transparecer<sup>22</sup>.

Chegado o dia das eleições, o BOC-SP dispôs de apenas 6 ou 7 fiscais para as 257 seções espalhadas pela cidade de São Paulo. Além do pouco número de pessoas trabalhando na fiscalização de um enorme número de seções tradicionalmente fraudulentas, o BOC-SP

<sup>20</sup> O BOC de São Paulo e as eleições de 24 de fevereiro. *Auto-Crítica*. Rio de Janeiro, nº 3, s.d., p.11-16.

<sup>21</sup> Carta de Plínio a Astrojildo, São Paulo. 16/09/1928.

<sup>22</sup> KAREPOVS, D. *A Esquerda e o Parlamento no Brasil*. Tese de doutorado apresentada a USP, 2001. P. 405.

acreditava que a oposição (Partido Democrático) iria fiscalizar as tentativas de fraude do PRP. Mais tarde, um dirigente do BOC-SP confessou a consequência dessa ingenuidade. Nestas eleições, foram apresentadas uma chapa completa com 16 membros do Partido Republicano Paulista (PRP) e outra de 10 membros do PD, além do candidato do BOC-SP. Ao final do pleito, foram eleitos apenas os candidatos do PRP. Ao BOC-SP foram creditados apenas 44 votos<sup>23</sup>.

Graças a tudo isso, O III Congresso do PCB se dedicou, entre outros assuntos, a situação do partido em São Paulo. O III Congresso propôs um estudo aprofundado da situação paulista, medidas organizativas como a fundação da Federação Sindical Regional, fundação da seção regional da Liga Anti-imperialista, adesão a Liga Antifascista, etc, assim como a intensificação da atividade do BOC-SP e, a mais importante, o reforço da base orgânica e ideológica do Partido, com a exigência da mais rigorosa disciplina em suas fileiras, maior educação teórica de seus membros e mais intenso recrutamento de novos membros<sup>24</sup>.

A política de frente única dos Blocos Operários foi duramente criticada na Conferência Latino-Americana da Internacional Comunista, em junho de 1929, sendo acusada de submissão dos comunistas à pequena-burguesia, diluição do Partido Comunista frente ao Bloco Operário Camponês, ineficiência em organizar os trabalhadores do campo, construir máquinas eleitorais, etc. De 22 de outubro a 5 de novembro de 1929, ocorreram várias reuniões na sede da Internacional Comunista em Moscou onde foi definido o fim do Bloco Operário e Camponês. O BOC ainda teria uma participação fraca nas eleições de 1930,

lançando Minervino de Oliveira à presidente. Passadas as eleições, o BOC deixou de existir<sup>25</sup>.

## Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo principal a experiência dos comunistas paulistas em, pela primeira vez, disputar no campo eleitoral a participação da classe operária. O tema visa contribuir para o processo de inserção da classe operária brasileira, neste caso com o recorte da cidade de São Paulo, nos mecanismos políticos do Estado burguês e da democracia.

Desta forma, nos interessa aqui dois enfoques: o primeiro no trabalho dos comunistas, na sua trajetória em disputar o campo político eleitoral, inserir no movimento operário a discussão da participação operária nas eleições e no parlamento com a finalidade da agitação e propaganda. Interessa-nos nesse ponto, as determinações da construção do PCB em São Paulo, suas dificuldades, contradições, as principais forças que dialogavam no movimento operário e na política.

Por outro lado, nos interessa também saber como a classe operária respondeu a iniciativa dos comunistas. Para isso, nos serviremos das informações para saber qual foi o engajamento dos sindicatos nas candidaturas do BOC, o número de votos que os candidatos receberam, o que disseram os comunistas a respeito de sua derrota, tentar através das informações disponíveis nos jornais operários e na imprensa oficial, qual foi a atitude geral da classe operária frente a participação eleitoral naquele momento.

## Resultados e considerações finais.

Até o momento foi possível concluir que a iniciativa dos comunistas

<sup>23</sup> Idem. p. 411

<sup>24</sup> PCB. Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil. 1929. p. 23.

<sup>25</sup> KAREPOVS, D. *A Classe Operária vai ao Parlamento*. São Paulo: Alameda, 2006. P. 164.

paulistas foi permeada por grande dificuldade. O Partido Comunista em São Paulo era perpassado por inúmeras deficiências, o movimento operário paulista encontrava-se em momento de descenso, os sindicatos organizados eram poucos. Também colaborava para dificultar a questão, a perseguição policial, o peso da tradição anarquista no movimento operário de São Paulo, o surgimento de outras forças políticas que pretendiam também conquistar os operários para seu lado, como por exemplo, o Partido Democrático.

A classe operária, por sua vez, ao que tudo indica teve uma adesão baixa aos pleitos, ainda que este último ponto possa ser discutido. Os comunistas, por exemplo, tenderam a argumentar que em grande parte, sua derrota eleitoral se devia ao desvio de votos para candidatos do Partido Republicano e toda a sorte de fraudes comuns nas eleições da Primeira República. Tanto Octávio Brandão diz isso a respeito da candidatura de Minervino de Oliveira a presidência (disputando com Getúlio Vargas e Júlio Prestes), quanto a participação do BOC-SP nas eleições para intendentess municipais em 1928 também o atestam. Não é uma hipótese absurda, certamente as fraudes e os desvios de votos ocorreram. Provavelmente, ainda que a adesão dos operários tenha sido baixa, ela não foi insignificante, e expressava suas demandas por uma política conivente com seus interesses de classe.

## Referências

### Cartas:

Carta de Everardo a Gildo. São Paulo, 15/07/1927.

Carta de Plínio a Astrojildo, São Paulo. 16/09/1928.

### Documentos Oficiais:

PCB. Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil. 192

Relatório à I.C apresentado pela delegação brasileira por ocasião do IV Congresso da ISV. Rio de Janeiro, 1928.

### Jornais e revistas:

A Plebe.

Auto-crítica.

O Combate.

### Bibliografia.

BATALHA, C. *Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva*. IN *Brasil Republicano Vol. I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

DULLES, J.F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KAREPOVS, D. *A Esquerda e o Parlamento no Brasil*. Tese de doutorado em História apresentada a USP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Coligação Operária de Santos quebrou a pasmeira*. História, São Paulo, v. 25, n 1, p. 182-202, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Classe Operária vai ao Parlamento: O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)*. São Paulo: Alameda, 2006.

LÊNIN, V.I. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

NETO, T. R. *Algumas observações sobre a fundação do partido*. In Estudos. Edições SAP, Ano I, N° 2, 1971.

SIMÃO, A. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Hucitec, 2012.